

EDUCAÇÃO EM RELAÇÕES HUMANAS PARA SEXUALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL*Human relationships education for sexuality in Elementary Education***Mônica Cândida Pereira Ricardo** [Monica@icb.ufmg.br]**Miriana Teixeira da Costa** [miriana_bh@hotmail.com]**Samantha Maia Meirele** [samanthaplanta@gmail.com]**Davidson Peruci Moreira** [davidsonpm@hotmail.com]**Paulo Henrique de Queiroz Nogueira** [pauloqn@yahoo.com.br]**Janice Henriques da Silva** [janicehs@icb.ufmg.br]*Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG,**Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, ICB, Departamento de Morfologia, Campus Pampulha, Belo Horizonte - MG, Brasil, CEP 30161-070***Resumo**

O artigo tem como objetivo apresentar as ações educativas realizadas no projeto “Educação em Relações Humanas para a Sexualidade”. As ações foram desenvolvidas com 45 alunos do ensino fundamental de uma escola pública. Foram desenvolvidas oito intervenções, sempre realizadas durante as aulas de ciências. Tiveram como objetivo aprofundar a compreensão dos alunos sobre os temas afetividade, relações familiares e interpessoais, emoções, relações de gênero, sexo e educação sexual. Foram utilizados recursos audiovisuais, modelos anatômicos, textos e dinâmicas com o intuito de “provocar a discussão” e levar a reflexão sobre os conteúdos explorados. A coleta de dados foi efetuada por meio de registros no “diário de campo” das impressões e comentários que surgiram durante as intervenções, além da análise de desenhos produzidos pelos participantes. Por meio de análise dos resultados, foi possível observar que as ações do projeto contribuíram para estimular o reconhecimento e compreensão dos alunos de suas próprias emoções, suas consequências sociais, fomentando a consciência pelo aluno de sua responsabilidade sobre suas atitudes no contexto da educação sexual. As ações repercutiram de maneira positiva, facilitando a assimilação dos conteúdos e a ponderação sobre o tema.

Palavras-chave: Relações Humanas, Educação, Sexualidade, Saúde.

Abstract

The article aims to present the educational activities carried out in the project "Education in Human Relations for Sexuality". The actions were developed to 45 elementary school students from a public school. During the science classes there are developed eight interventions. The action intend to help the students to understand themes like affective, family and interpersonal relationships, emotions, gender relations, sex and sexual education. Anatomical models, audio visual resources, dynamic and texts were used to encourage the debate and reflection about sexuality themes. Data collection was performed through records in the "diary" that contains impression and comments that emerged during the activities. Besides, drawings produced by the participants were analyzed too. Based on the data and impressions collected, it was observed that the project contributed to stimulate recognition and conscious of their own emotions by the schoolchildren, their social consequences, and to instigate the student to become aware of its responsibility for his actions, in the sex education context. The shares had a positive repercussion and facilitated the assimilation of content and prudence on the subject.

Keywords: Human Relations, Education, Sexuality, Health.

Introdução

A formação humana é um fator primordial para qualidade de vida das pessoas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento social. Os ambientes formais, como a escola, são locais adequados para iniciar a formação integral dos sujeitos, respeitando as suas particularidades e as demandas a serem atendidas por se tratarem de organizações responsáveis pela socialização secundária, e responsáveis por arregimentar recursos nesse processo (LIMA, 2007).

Muito tem sido feito pelas instituições de ensino nesse sentido, mas as escolas precisam avançar ainda mais, pois, de fato, entre os ambientes formais, a escola tem sido o espaço mais requisitado para fornecer conteúdos importantes para a formação humana (LOURO 1999). E, sendo assim, não é de estranhar que se exige da escola que ela se dedique ao trabalho da educação sexual das crianças e dos adolescentes.

Estudos relatam que a infância e a pré-adolescência são as melhores fases para se assimilar conceitos e valores. Tudo que é apreendido ao longo do desenvolvimento permanece presente na fase adulta. Isso contribui para a qualidade de vida e possibilita a igualdade de oportunidades e a integração social, corroborando para a saúde integral do cidadão (PERES & ROSENBERG, 1998; BARROS et al., 2011).

É grande a preocupação das políticas públicas em debater e elaborar políticas voltadas para formação integral dos cidadãos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997) agregam subsídios às instituições para trabalhar temas fundamentais. A recomendação é que as instituições de ensino trabalhem temas transversais, que sejam interdisciplinares, sendo que a educação sexual faz parte desses.

Muitos pais atribuem à escola a responsabilidade de educar seus filhos sexualmente. Eles não se sentem seguros para falar sobre sexualidade. Muitas famílias negam a diversidade sexual e consideram inconcebível admitir algo que escape a heteronormatividade. E nesse contexto adverso, são poucos os educadores que assumem a tarefa de educar para a sexualidade, mesmo sabendo que muitos jovens dependem da escola para terem acesso a esses conteúdos (VITIELLO 1995).

Em estudo, LEÃO e RIBEIRO (2009), relatam que professores não educam para sexualidade seus alunos, e atribuem esse fato a falta de formação universitária adequada. O assunto é polêmico para o debate porque é tratado como tabu e outras vezes o seu significado é distorcido pela mídia, causando interpretações equivocadas.

Negar a educação sexual pode trazer graves danos à saúde da população, tais como gravidez de risco, doenças sexualmente transmissíveis e atitudes de preconceito, o que também interfere na aprendizagem e no desempenho escolar (MIRANDA 2013).

Neste contexto, no ano de 2013, surge o Projeto de Extensão “Educação em Relações Humanas para a Sexualidade” da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que tem como objetivo o desenvolvimento de atividades de educação sobre sexualidade no ambiente escolar. O projeto mantém parceria com escolas públicas do município de Belo Horizonte e região metropolitana e, conforme a demanda da comunidade escolar desenvolve ações extensionistas no âmbito da educação sexual, destacando-se, neste artigo, as ações de educação em relações humanas para a sexualidade no ensino fundamental.

Metodologia

Universo e público-alvo

Trata-se de um estudo observacional, um relato de experiência, a partir do desenvolvimento de ações. O público atendido neste estudo foram 45 alunos de duas turmas do ensino fundamental de uma escola municipal de Belo Horizonte-MG (Tabela 1). As ações foram desenvolvidas no ano de 2013 e o público alvo foi indicado pela coordenação da escola parceira. Todos os alunos estavam frequentes nas intervenções.

Tabela 1: Caracterização do público de alunos atendidos pelo Projeto “Educação em Relações Humanas para a Sexualidade” em 2013.

Público	Nº de alunos atendidos	Faixa Etária	Período escolar
Turma A	20	10 a 13 anos	3º ano do 2º ciclo
Turma B	25	13 a 16 anos.	2º ano do 3º ciclo

A turma A (tabela 1), compreendida por pré-adolescentes de 10 a 13 anos de idade, caracterizavam-se por crianças chegando à puberdade em que as questões relativas à sexualidade relacionavam-se a descoberta do corpo e a sua maturação. Já a turma B (tabela1), composta por adolescentes com faixa etária de 13 a 16 anos, as questões eram mais relacionadas às escolhas eletivas marcadas pela socialização juvenil. Nos dois grupos, os temas emergentes do sistema sexo-gênero foram devidamente tratados, mas tiveram que ser adequados aos interesses e expectativas diferenciadas por esses recortes etários (GTPOS, ABIA, ECOS. 1994).

Ações e atividades do projeto

Para ampliar o conhecimento teórico dos participantes do grupo e detalhar o tema sexualidade, fez-se uma investigação bibliográfica prévia que consistiu em: 1) busca de artigos científicos indexados; 2) pesquisa em sites com dados epidemiológicos 3) reuniões para discussão de artigos e elaboração da metodologia. Após investigação bibliográfica a equipe realizou reuniões semanais para a discussão dos artigos e elaboração da metodologia e em seguida agendou a apresentação da proposta para a escola. As intervenções foram estabelecidas a partir de equipes multidisciplinares formadas pelos bolsistas do projeto, que cursavam os primeiros períodos dos cursos de Ciências Biológicas e Fisioterapia, docentes da Universidade Federal de Minas Gerais, uma Psicóloga e a Professora de ciências do público alvo indicado pela escola parceira.

Para construir uma base relacional valorizando a afetividade na vida cotidiana, foram distribuídos os temas a serem abordados em três módulos: 1) As relações humanas e as emoções; 2) As concepções de Sexo e Gênero; 3) O corpo humano e a promoção da saúde.

Em todas as intervenções, a equipe buscou explorar os diferentes modelos de relações familiares e as modalidades de expressar afeto, no contexto familiar e social. Perpassou a todos os encontros o compromisso com a compreensão do Eu e do não Eu, ou seja, da relação intra e interpessoal em que cinco emoções básicas foram apresentadas: medo, alegria, raiva, tristeza, amor, em quais situações elas se fazem mais evidentes e como interpretá-las intra e interpessoalmente. Com uma abordagem inclusiva foram discutidos os modelos contemporâneos das relações humanas, tentando compreender a diversidade de gênero. Também se buscou conhecer os aspectos bio-psíco-sociais do sexo, questões como gravidez e as DST's, sempre respeitando as diretrizes do Ministério da Educação, em conformidade com os PCN e o BRASIL sem HOMOFobia (BRASIL, 2004).

Todas as atividades propostas pela equipe basearam-se nas metodologias de atuação em educação sexual das áreas de conhecimento Educação e Ciências da Saúde, bem como suas interfaces com outras áreas das Ciências Humanas. Assim, a partir dos saberes mobilizados nesses campos de conhecimento, foi possível propor uma metodologia de ação dialógica de caráter etnográfico na busca de uma escuta fina dos sujeitos envolvidos em um contexto dialógico de cunho freireano (FREIRE, 2005).

Uma educação que se constitua como emancipatória e que rompa com a perspectiva da educação bancária pressupõe a criação de um ambiente de interação. Os envolvidos foram convidados a se posicionarem sobre temas polêmicos e centrais na constituição do humano, por exemplo, à sexualidade e à equidade de gênero. Essa estratégia, adotada neste trabalho, buscou estabelecer mediações educativas capazes de vencer o silêncio e possibilitar as falas. A equipe construiu uma proposta de ações educativas voltada para propiciar um ambiente de escuta de posições divergentes, de respeito ao outro, e principalmente a possível superação do preconceito (BRASIL, 1997).

O projeto consolidou sua estratégia educativa a partir do acesso ao contraditório aportado pelos sujeitos envolvidos nas intervenções e suas distintas representações acerca de elementos do sistema sexo-gênero (BARROSO e BRUSCHINI, 1995). No decorrer de todo o processo, a equipe fez uma minuciosa anotação dos comentários, perguntas e impressões nos diários de campo.

Foram realizadas 16 intervenções, sendo oito intervenções em cada turma. O tempo utilizado era em média 50 minutos para cada intervenção, no turno da tarde, no horário da aula de ciências com a participação da professora da referida matéria. As intervenções foram desenvolvidas em um espaço relacional com recursos de audiovisual, modelos anatômicos do corpo humano, textos e dinâmicas de caráter interativo e informativo, conforme descrito a seguir:

Primeira intervenção - Para favorecer a integração do grupo realizou-se uma dinâmica com a formação de uma roda. Para facilitar a interação foi pedido que os alunos se apresentassem e em seguida dirigissem o olhar para o outro aluno a sua escolha, arremessasse um novelo de lã, e dissessem um valor do mesmo.

Segunda intervenção - Foi exibido um vídeo de produção própria, e cujo conteúdo retratasse momentos em que a afetividade fosse expressa nas seguintes situações: relações de amizades e namoro, relacionamentos homo e heteroafetivos, entre irmãos, e entre pais e filhos. A partir das imagens exibidas, foi solicitado aos alunos refletir e interpretar em que situações as relações afetivas se fazem presentes no cotidiano.

Terceira intervenção – Para motivar os alunos a equipe fez uso do som, com a música “Família” de autoria dos Titãs. Os alunos tiveram os olhos vendados na tentativa de evitar a dispersão para outros estímulos do ambiente e para focar no ouvir a música e se apropriar do seu conteúdo. Ao final da audição, foi solicitado a eles que representassem a sua família por meio de desenho de livre escolha ou uma colagem.

Quarta intervenção – Após a leitura do texto “A ilha dos sentimentos” solicitou-se aos alunos pensarem sobre os valores humanos e em seguida foi proposta uma dinâmica: eles deveriam escolher um personagem que não gostariam de ser, e depois sugerimos que encontrassem algum valor no mesmo.

Quinta intervenção - Os alunos foram divididos em cinco grupos, de acordo com as cinco emoções básicas: medo, alegria, raiva, tristeza e amor; Em seguida solicitou-se a cada grupo representar ou interpretar por meio de encenação teatral ou mímica a referida emoção, e relatar como

foi à experiência para eles. Filmes de curta metragem de produção própria foram exibidos retratando as cinco emoções básicas em diferentes situações da vida.

Sexta intervenção - Para o desenvolvimento desta atividade houve uma conversa com os alunos sobre o tema sexo e gênero, para que eles pudessem entender a diferença entre os dois termos. Para iniciar a conversa foi utilizado o método freiriano "palavra geradora", foi identificadas as palavras que os alunos citaram sobre os dois termos. Em seguida com os grupos já formados, foram orientados a completar o desenho de um corpo humano levando-se em consideração a representação de gênero.

Sétima intervenção – A equipe utilizou a abordagem freiriana “palavra geradora”, e pediu aos alunos que dissessem o que conheciam sobre o corpo humano. Depois de anotado na lousa o relato dos alunos, foi feita uma exposição do corpo humano com um “Torso”, modelo anatômico, desmontando peça por peça e falando a nomenclatura de cada órgão.

Oitava intervenção – Aula expositiva com apresentação em PowerPoint, com foco nos aspectos biológicos e psicológicos e as transformações que ocorrem nos dois gêneros. Assuntos tratados: puberdade, gravidez e DST's, a promoção da saúde sexual, o uso de métodos preventivos e anticoncepcionais. A atividade foi finalizada com a formação de uma roda, para favorecer o olhar de todos e a integração do grupo. Em sequência, uma caixa circulou na roda, e sobre a tampa lia-se a seguinte frase “AQUI ESTÁ UMA PESSOA QUE PODE SOFRER PRECONCEITO”, e dentro da caixa fixado ao fundo um espelho, no qual se reflete a pessoa. Após circular por toda a roda, foi discutido sobre o trabalho realizado no decorrer de todas as intervenções.



Resultado e Discussão

Propor intervenções com temas inerentes às relações humanas, principalmente a sexualidade é muito desafiador. Mesmo sendo bem acolhida a proposta da equipe pela escola parceira, os desafios foram muitos. Vale ressaltar que nos grupos de alunos atendidos, foi notória a dificuldade de concentração. No momento em que as intervenções aconteciam, observou-se a agitação e a dispersão dos alunos, o que exigiu maior habilidade para introduzir as questões propostas pelo projeto. Foi necessário, portanto, negociar e estabelecer as seguintes atitudes durante as intervenções: fazer silêncio para ouvir o outro; respeitar a opinião do colega; respeitar os universitários e professores; participar das atividades; tirar sempre as dúvidas e não usar aparelhos eletrônicos. Com o tempo e com o apoio dos professores e da direção da escola, a equipe construiu vínculos com as turmas e as mesmas tornaram-se receptivas para o trabalho coletivo, respeitando os limites solicitados. O resultado e a discussão do estudo serão abordados em três módulos: 1) As relações humanas e as emoções; 2) As concepções de Sexo e Gênero; 3) O corpo humano e a promoção da saúde, conforme metodologia.

1 - As relações humanas e as emoções.

Foi possível observar em todas as intervenções, em mais evidência na primeira, a dificuldade dos alunos em comunicar e expressar seus valores e pensamentos (Quadro 1). As atividades foram elaboradas com intuito de propiciar uma abertura para a inclusão e o reconhecimento de todos e, principalmente, a importância de fazer parte de um grupo.

Quadro 1: Resultados obtidos nas intervenções realizadas com os alunos da Turma A e Turma B do ensino fundamental em relação às relações humanas e as emoções.

Ordem das Intervenções	TURMA A	TURMA B
Primeira	A equipe observou nas duas turmas dificuldade dos alunos em comunicar e expressar seus valores e pensamentos. Demonstravam insegurança e timidez para falarem de si mesmo e dos outros. Riam muito e brincavam entre si, com o intuito de desviar a atenção da atividade proposta. Mesmo com esse comportamento de se esquivar, eles a realizaram.	
Segunda	Os alunos nas duas turmas se posicionaram em relação aos assuntos tratados. Discursaram sobre as relações homo e hetero afetivas, entre pais e filhos, namoro e amizade. Reconheceram quais as pessoas que são importantes para eles no dia a dia. Citaram a fidelidade, amor e o respeito como essenciais nas relações humanas.	
Terceira	<p>Na maioria dos desenhos da turma A, a organização familiar foi diferente da concepção do modelo tradicional de família nuclear. Dentre os vinte alunos apenas sete apresentaram um modelo de família nuclear (Figura 1C). A equipe constatou a ausência do pai biológico nos desenhos de treze alunos, sendo mais freqüente a presença das avós, padrasto, meio irmão (ã), tios (as), primos (as) (Figura 1: A, B e D).</p>  <p>Figura 1: Desenhos que representam a família dos alunos da turma A. A, B e D: Arranjos de família materfocais. C: Família nuclear.</p>	<p>Percebeu-se pelos dados coletados, que há uma carência de recurso nos alunos da turma B para representarem sua família. Seis alunos negaram fazer a atividade. Oito se expressaram pelas palavras paz, força, união, Deus, amor, família e fé, possivelmente para afirmar o desejo de uma família com esses valores (Figura 2A). Dois alunos representaram a família nuclear. Dois alunos fizeram figuras indefinidas (Figura 2B). Sete alunos fizeram colagens de grupos de pessoas, mãe e filho e filhos com o pai (Figura 2: C, D).</p>  <p>Figura 2: Colagens e desenhos que representam a família dos alunos da turma B. A: Possível atribuição à divindade para “união” da família. B: Não há identificação de gênero. C: É notória a reivindicação da presença dos pais. D: O desejo da união familiar foi possivelmente retratado nos conjuntos de amigos.</p>
Quarta	Os alunos perceberam que as pessoas que eles não admiram por algum motivo, não deixam de possuir valores, bastaria, ser um pouco tolerante para aceitar a pessoa como é.	
Quinta	Os alunos da turma A inventaram um fantasma para simular uma situação de medo. Criaram um	Na turma B foi observada uma dificuldade dos alunos do grupo do medo em criar uma situação que expressasse um acontecimento

	cenário esportivo com um gol, para celebrar a alegria. Vivenciaram uma briga para mostrar a raiva. Simularam um velório para retratar a tristeza. Para retratar o amor, criaram uma situação que representou uma atitude de compaixão pelo outro, ajudar a alguém necessitado.	que retratasse essa emoção. Criaram uma festa de carnaval, onde dançavam para retratar a alegria. Simularam uma briga para demonstrar a raiva. Inventaram um assalto violento com o óbito da vítima do assalto, por um tiro de revólver, e vivenciaram a tristeza. O amor foi retratado com uma cena romântica de um casal de namorados.
--	--	--

A equipe constatou que na segunda intervenção (Quadro 1), os alunos já se posicionavam em relação aos assuntos tratados, discursaram sobre as relações afetivas e quais pessoas no dia a dia eram importantes para eles. Para SULLIVAN (1953), as relações interpessoais constituem a base da personalidade. Foi na exibição de imagens com várias situações de relacionamento interpessoal que os alunos encontraram espaço para mostrarem suas posições sobre os relacionamentos. É na pré-adolescência que os jovens necessitam de companheirismo com pessoas do mesmo sexo e a capacidade de apreciar as necessidades e sentimentos do outro e o despertar de ideias ligadas à sexualidade.

O ambiente escolar é essencial para promover a socialização dos jovens e propiciar oportunidades de interação. Vale ressaltar que quando foi trabalhado o texto “A ilha dos sentimentos” na quarta intervenção (Quadro 1), os alunos foram estimulados a se colocar no lugar do outro, e fazê-los sentir o olhar do outro sobre si mesmo, desse modo eles exercitaram a alteridade o que possibilitou transformações subjetivas. Nesta intervenção foi possível trabalhar o “viver no auto-respeito e no respeito pelo outro” (MATURANA, 2008, p.77).

As relações afetivas têm importante papel na vida e constituem laços essenciais para sustentar as bases emocionais da humanidade. No trabalho realizado, a equipe percebeu a aceitação dos alunos em receber o afeto. A afetividade e as emoções positivas são fundamentais para o desempenho e aprendizagem das crianças e jovens, sendo que é na família o primeiro contato do sujeito com a afetividade (BARROS et al., 2011).

No entanto a família brasileira desenvolveu-se em uma estrutura social em que a família funcionava como um núcleo composto pelo chefe da família (patriarca), sua mulher, seus filhos e netos, que eram os representantes principais e que fazem parte do modo de ser da nossa cultura, a família nuclear. Na atualidade, esse arranjo encontra-se com alterações e, em seus estudos, ALVES (2009) descreve o modelo familiar atual apresentando tendências à predominância de mulheres, materializando o que se convencionou chamar de famílias materfocais. Os alunos da turma A (Quadro 1) descreveram bem o que está proposto como sendo famílias materfocais (Figura 1: A, B e D). Já na Figura 1C há a representação da família patriarcal, com a presença do pai, configurando o chefe da família.

Com expansão da escola de tempo integral no Brasil, os alunos passam a maior parte do dia dentro das escolas. Portanto, as bases emocionais que são essenciais para o amadurecimento psicológico e a formação subjetiva, em muitos casos, têm sua origem na convivência escolar.

Nesse sentido, o ambiente escolar torna-se local propício para trabalhar os sentimentos dos alunos. Para MATURANA (2008), “nem todas as relações humanas são da mesma classe devido ao fato de elas ocorrerem sob emoções distintas, e é a emoção que define o caráter da relação. [...] a emoção que constitui a relação social é o amor” (p. 60). Partindo desta premissa a equipe amorosamente acolheu a realidade dos alunos, e encontrou na encenação o recurso para os alunos reproduzirem suas emoções básicas. Criou-se na quinta intervenção (Quadro 1) a oportunidade para

brincar com os sentimentos, desconstruindo-os e reconstruindo-os. Foi observado que os alunos pouco conheciam sobre emoções. Os contextos utilizados para criar situações que pudessem retratar suas emoções foram de cunho social para as duas turmas. Assim eles puderam reconhecê-las, experimentá-las e refleti-las, o que proporcionou uma abertura para a compreensão deles mesmos. Deste modo, perceberam como reagem diante de situações de cobranças, como se sentem e como expressam sua emoção. Portanto, entenderam como suas emoções estão diretamente envolvidas com “o outro”.

2 - As concepções de Sexo e Gênero

O homem é atravessado pela sexualidade em todas as etapas do seu desenvolvimento e a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. Ela é constituída ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos (SEFFNER, 2009). Nesse sentido esse projeto trouxe contribuições importantes. Considerou a inclusão de todos como princípio básico para o relacionamento humano no âmbito escolar no que tange a sexualidade.

Quando os alunos foram questionados sobre o sentido das palavras sexo e gênero, nas duas turmas, percebeu-se que eles associaram a palavra sexo a várias outras com emprego de termos populares, entendendo por sexo a masturbação e o ato sexual. Nenhum aluno pensou o termo sexo como referência biológica para designar anatomicamente macho e fêmea. As palavras usadas para descrever o sexo foram bem contraditórias. Algumas expressões que remetem a situações como “pensar besteira”, “pornô”, “masturbar”, “buceta”, “gozar”. As palavras citadas de cunho masturbatório foram: “punheta”, “siririca” e de ato sexual foram: “meter”, “transar”, “espanhola” e “pulapula”. Mencionaram também algumas emoções: “amor” e “alegria”.

Nas produções coletivas, em relação às representações de gênero na sexta intervenção, essas se fizeram confusas com dúvidas de definição (Quadro 2). Os desenhos representaram vários estereótipos e equívocos. O material produzido individualmente ou em grupo foi apreciado e discutido pela turma. Desse modo favoreceu a construção de novos saberes e novas possibilidades, ressaltando as diferenças na representação social dos gêneros e suas nuances.

Quadro 2: Resultados obtidos nas intervenções realizadas com os alunos da Turma A e Turma B do ensino fundamental em relação às concepções de Sexo e Gênero.

Ordem das Intervenções	TURMA A	TURMA B
Sexta	Foi possível perceber como eles concebem as relações sexuais. O discurso dos alunos retratava a superioridade do homem, a sua força física e a percepção do ato sexual como imposição. O foco dos desenhos deteve-se à anatomia dos órgãos, sendo que os mesmos foram representados de maneira destorcida ou exagerada, o que pareceu ocorrer devido à falta de conhecimento do corpo humano (Figura 3).	As associações de gênero se deram a partir das representações sociais que os alunos entendem sobre o papel do homem e da mulher na realidade em que estão inseridos. Notou-se que os alunos diferenciaram gênero feminino e masculino em relação ao seu modo de se vestir e uso de adereços (Figura 4: A, B, C) Outra maneira de representar foi a associação do gênero a uma caricatura (Figura 4D).



Figura 3: Representação de gênero dos alunos da turma A. **A:** Associação do órgão genital feminino a um inseto. **B:** Desproporção do órgão genital masculino em relação ao corpo. **C:** Mamas desproporcionais, genitália pouco evidente. **D:** Desenho mais proporcional da genitália, exibindo detalhes dos caracteres secundários, como bigode e pelos nas axilas.



Figura 4: Representação de gênero dos alunos da turma B. **A:** Menina sensual e produzida. **B:** Menino exibindo o pênis e ao mesmo tempo mostrando traços comuns ao gênero feminino. **C:** Representação clássica do gênero feminino. **D:** Caricatura que faz apologia a maconha.

Até então, a escola não havia trabalhado com os alunos às relações de gênero. Havia interpretações equivocadas por parte dos alunos, dentre elas a atribuição do sinônimo de gênero como sexo; também não conseguiam perceber o caráter mutável do gênero masculino e feminino ao longo da história e sua constante remodelação social. As provocações em relação às questões sobre sexualidade afloravam e as dúvidas dos alunos e suas curiosidades foram intensas.

De acordo com JESUS (2012), a orientação sexual e gênero podem se comunicar, mas um aspecto não necessariamente depende ou decorre do outro. Esclarecemos aos alunos que gênero está na ordem do papel social. Este é construído pela cultura, da representação do masculino e feminino. O sexo anatômico é da lógica da biologia, do discurso médico para os órgãos genitais. Por sua vez eles não precisam coexistir na mesma lógica. Um corpo masculino pode trazer características de gênero feminino ou vice versa.

É também no convívio escolar que encontramos espaço para dialogar com as crianças e adolescentes sobre os atos que excluem os diferentes. A partir da Figura 4B (Quadro 2), com a representação de um transexual, a equipe percebeu a necessidade dos alunos em debater o tema homossexualidade. Aportada nas ideias de LOURO (2009), esclareceu-se que a sociedade precisa construir novas maneiras de pensar as relações afetivas e sexuais. Há grupos que são vítimas da homofobia e do heterossexismo, podem ser minorias, mas se fazem visíveis, nos meios de comunicação ou na convivência em espaços públicos. Esses grupos sofrem por preconceitos e enfrentam resistências por parte de alguns grupos conservadores. É preciso pensar meios para minimizar preconceitos que geram atitudes violentas nas relações humanas.

É importante despertar nos alunos a busca pelo autoconhecimento, assumindo maneiras próprias de se fazerem presentes em sociedade, e se responsabilizarem por seus comportamentos com autenticidade. FOUCAULT (2009), afirma que a sexualidade é um “dispositivo histórico” uma invenção social, portanto as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) tem o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos culturais. A sociedade nesse momento precisa desconstruir verdades, respeitar e conviver com os valores individuais.

3 - O corpo humano e promoção da saúde.

A turma A, compreende os pré-adolescentes, crianças chegando à puberdade em que as questões sobre a descoberta do corpo e a sua maturação se fazem evidentes. Já a turma B, composta por adolescentes em que o interesse pela anatomia do corpo torna-se secundária, fato observado na sétima intervenção (Quadro 3). Nos dois grupos, o tema do corpo humano foi devidamente tratado, mas tiveram que ser adequados aos interesses e expectativas diferenciadas por esses recortes etários.

Na apresentação da puberdade para mostrar as fases do crescimento e diferenciação do órgão sexual no embrião, foi surpresa para os alunos das duas turmas, saber que a formação do genital é igual para os dois sexos até a sétima semana da gestação. Vale reforçar que os alunos da turma B haviam desenhado um transexual na intervenção sobre gênero, havendo o interesse anterior pelo o assunto (Quadro 2 Figura 4B). No início do desenvolvimento embrionário, tanto as gônadas como as vias urogenitais são indiferenciadas. Sabe-se que o sexo biológico é geneticamente determinado no momento da fertilização. No entanto, o mesmo pode não coincidir com a formação anatômica do órgão genital (SADLER, 2013).

Na oitava intervenção fica clara a curiosidade dos pré-adolescentes sobre reprodução e origem da vida, enquanto para os adolescentes as dúvidas giram em torno do gênero e como um corpo pode possuir dois sexos (Quadro 3).

Quadro 3: Resultados obtidos nas intervenções realizadas com os alunos da Turma A e Turma B do ensino fundamental em relação ao corpo humano e promoção da saúde.

Ordem das Intervenções	TURMA A	TURMA B
Sétima	As palavras geradoras citadas pelos alunos foram: “osso, carne, gordura, nervo, peito, músculo, coração, sangue, rim, cérebro, vagina, órgãos”. Após a apresentação do torso, os alunos tiveram a necessidade de manusear as peças, cheirando, colocando-as em contato com o corpo, às vezes por baixo de suas roupas. O envolvimento dos alunos foi intenso e as perguntas afloraram: “A parte mais importante do corpo é o cérebro? Fumar envelhece o pulmão? O que é cirrose? Qual é o tamanho do intestino? Onde ficam os bebês? Onde fica a fimose? O que é câncer de próstata? ”	Quando solicitado aos alunos para dizer as partes constituintes do corpo humano, não demonstraram interesse em falar. Também tiveram pouca participação no momento da exposição do Torso e explicação sobre os órgãos. Apesar de desmotivados, todos os alunos ficaram em silêncio e permaneceram dentro da sala observando o trabalho da equipe durante toda a intervenção, mesmo sendo estimulados a participar.
Oitava	Nesta turma as curiosidades em relação ao desenvolvimento humano e a reprodução foram mais significativas. Surgiram perguntas do tipo: “Porque temos pelos no púbis? Há ereção sem testículos? Até que idade o pênis cresce? Qual a média de tamanho para pênis? Os homossexuais podem reproduzir? Um homem pode gestar um filho? Onde ficam os bebês? Como saber se tem AIDS?” Os alunos ficaram atentos a equipe e se envolveram com a apresentação realizada.	O que motivou as perguntas, para este grupo de alunos, foi o ciclo menstrual. No entanto, a maioria das dúvidas foi em relação ao hermafroditismo, com as seguintes perguntas: “Como é o corpo com dois sexos? Como é o corpo do transexual?” Ao realizar a dinâmica da caixa com o espelho os alunos ficaram em silêncio, sem ação, incomodados e introspectivos perante a sua própria imagem.

É desafiador desmistificar a associação do sexo ao gênero e em nossa cultura é comum essa associação. Cabe a educação sexual dialogar à cerca dessas atitudes equivocadas, por vezes excludentes. No âmbito escolar encontra-se um ambiente propício para discorrer sobre os temas relativos à sexualidade. É na puberdade que emerge a curiosidade em relação ao próprio sexo e ao sexo oposto, pois as alterações fisiológicas e anatômicas são mais visíveis.

A partir de todas as discussões os alunos se expuseram e deram um passo para compreender a sua sexualidade. Os temas abordados proporcionaram novas descobertas, diferentes das que até então haviam sido apreendidas no ambiente em que estão inseridos. Os conteúdos assimilados repercutiram em outros lugares, com relatos dos professores de que os alunos mencionaram sobre os temas em outras oportunidades.

Considerações finais

O projeto favoreceu a troca de experiências entre os participantes e propiciou novos espaços de abertura social para a formação dos alunos sobre os temas afetividade, relações familiares e interpessoais, emoções, relações de gênero, sexo e educação sexual. A equipe acredita que os alunos serão novos agentes multiplicadores de valores humanos para a sexualidade, na escola, na família e na comunidade.

As relações humanas são permeadas por várias vivências ao longo da vida, que perpassam por diferentes momentos em família, em sociedade e na escola e. É essencial investir na formação de valores humanos para buscar uma sinergia para todas as vivências.

A metodologia empregada no presente estudo foi bem assimilada pelos participantes e os resultados obtidos no decorrer das intervenções atenderam as expectativas do projeto podendo subsidiar novas intervenções.

Com a realização das ações de extensão apresentadas neste estudo foi possível também aproximar a comunidade do universo acadêmico, possibilitando a descoberta de novas perspectivas, oferecendo condições de inserção em realidades que nem sempre estão ao alcance de todos.

Agradecimentos: PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO DA UFMG

Referências

- ALVES, R. R. Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações. In: *II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG*, 2, 2009, Goiânia, GO, *Anais...* Goiânia, 2009, p 1-14.
- BAIROS, J.; BELZ, C. W., MOURA, M.; OLIVEIRA, S. G.; RODRIGUES, T. T.; SILVA, S. C.; COSTA, F. T. (2011). Infância e Adolescência: a importância da relação afetiva na formação e desenvolvimento emocional. In: *XVI Seminário Instituto de Ensino e Pesquisa e Extensão. XVI Mostra de iniciação Científica, IX Mostra de Extensão*, 16, 2011, Cruz Alta, RS. *Anais...* Cruz Alta, 2011, p 1-4.
- BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. *Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995. 91p.
- BRASIL. (1997) Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual / SEF*. – Brasília: MEC/SEF, 164p.
- BRASIL. (2004). Conselho Nacional de Combate à Discriminação/Ministério da Saúde. *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual*. Elaboração: LÁZARO, A. L. F.; (Org.) revisão de textos: SILVA, C. N. e

- SANTOS, I. A. A.; *Comissão Provisória de Trabalho do Conselho Nacional de Combate à Discriminação da Secretaria Especial de Direitos Humanos*. – Brasília: Ministério da Saúde.
- FOUCAULT, M. *Historia da sexualidade*, V. 1: A vontade do saber. 19ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2009. 176 p
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 40ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p.
- GTPOS, ABIA, ECOS. *Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia (da pré-escola ao 2º grau)*. São Paulo: Casa do Psicólogo; Fórum Nacional de Educação e Sexualidade, 1994. 112 p.
- JESUS, J. G. *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos*. Brasília: autor, 2012. 24p.
- LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M. O (des) conhecimento dos alunos de um curso de pedagogia quanto à orientação sexual na escola. In: *Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente*. (Org.) RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S.; GOELLNER, S. V. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2009. 170 p.
- LIMA, E. S. *Indagações sobre currículo: currículo e desenvolvimento humano*. (Org.) BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 56 p.
- LOURO, G. L. *O Corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1999. 174 p.
- MATURANA, H. R. *Formação humana e capacitação*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 86 p.
- MIRANDA, J. C. (2013). Adolescência e vida sexual: o retrato de uma escola pública da região metropolitana do rio de janeiro. *SaBios: Rev. Saúde e Biol.*, v.8, n.2, p.31-40.
- PERES, F.; ROSENBERG, C. P. (1998). Desvelando a concepção de adolescência/ adolescente presente no discurso da saúde pública. *Saúde e sociedade*, v. 7(1): 53-86.
- SADLER, T. W. *Langman, embriologia médica*. 12ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2013. 324 p.
- SEFFNER, F. Equívocos e Armadilhas na Articulação entre Diversidade Sexual e Políticas de Inclusão Escolar. In: *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. JUNQUEIRA, R. D. (Org.) – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. 458p.
- CÂMARA, R. (2004) *A Ilha dos sentimentos*. In:
http://paginas.fe.up.pt/~fsilva/port/A_Ilha_dos_sentimentos.htm
- SULLIVAN, H. S. *The interpersonal theory of psychiatry*. Nova Iorque, NY: W. W. Norton & Company, 1953. 393 p.
- VITIELLO, N. (1995) A educação sexual necessária. *Rev. Brasileira de Sexualidade Humana*. V. 6(1): 15-28.